

## RESULTADOS CONCLUSIVOS EM 2006

Projecto pára se cientistas perceberem que as crianças estão em risco

ANA CRISTINA PEREIRA

O “Casa Pia Study” entrou na fase final – já não está a recrutar pacientes. E, até agora, não terá afastado nem confirmado a perigosidade do uso das amálgamas de mercúrio.

Não há pistas sobre o tempo que as eventuais consequências nocivas das amálgamas demoram a fazer-se sentir. Muitos dos detractores desta substância – que a indicam como causa de múltiplos males, desde aumento da necessidade de consumir tabaco a esclerose múltipla e Alzheimer – falam de problemas de saúde só perceptíveis na vida adulta.

A equipa esperava, inicialmente, obter resultados em cinco anos, mas já alargou o acompanhamento para sete. O ideal, para provar quaisquer diferenças no desenvolvimento das crianças, seria “oito a dez” anos, defende o investigador principal, Timothy A. DeRouen. Mas tal não é “financeiramente possível”.

No ano passado, no decurso de uma convenção em San Diego, o director do projecto nos Estados Unidos, Michael D. Martin, levantou um pouco o véu aos resultados da investigação. Decorrido o primeiro ano, verificou-se que as crianças que receberam amálgamas dentais tinham maiores níveis de mercúrio na urina do que as outras (2,49 µg/L para 1,29). A diferença persistia no segundo ano de análises (3,24 para 1,52) e no terceiro (4,22 para 1,82). Aqueles a quem não tinha sido feita uma amálgama adicional, durante o primeiro e o segundo ano, tinham 2,52 de mercúrio no início do ano três. E os que tinham feito mais tratamentos deste tipo apresentavam valores na ordem dos 4,26.

O índice de metal pesado persiste, concluiu, dois anos depois de o tratamento ter sido feito. E amálgamas adicionais resultam num aumento de mercúrio na urina das crianças. Estes níveis, todavia, “não ultrapassam o normal”.

### “Não podemos dizer o que está a acontecer”

Segundo os efeitos documentados até agora, no plano das intoxicações, com 4,22 microgramas de mercúrio por cada litro de urina (µg/L) já se pode experimentar alterações subclínicas mínimas, como mudanças no humor, nas funções motoras e na cognição. Os investigadores, porém, recusam-se a desvendar descobertas. “Somos financiados pelo Instituto Nacional de Saúde [norte-americano], não estamos autorizados a dar resultados antes do estudo estar pronto”, disse DeRouen ao PÚBLICO. O que acontecerá em 2006.

Está provado que a amálgama liberta mercúrio, ainda que em doses muito inferiores à dose mínima de segurança estabelecida pela Organização Mundial de Saúde. E que estas quantidades diminutas são parcialmente absorvidas pelo organismo. “Sabemos que não é saudável ter mercúrio no corpo, mas não temos materiais alternativos que durem tanto como este”, justifica Jorge Leitão, director do projecto em Portugal. Os materiais alternativos são menos resistentes, mais caros e de aplicação técnica mais complexa.

O professor da Universidade de Lisboa frisa que “não há nenhum material 100 por cento seguro”. “Qualquer material, depois de estar no sangue, atinge diversos órgãos”, onde se instala. Mas “não podemos dizer o que está a acontecer em nenhum dos nossos estudos” – só que os valores detectados até agora “estão abaixo dos limites do perigo”.

O ensaio clínico é supervisionado por um entidade independente: a Data and Safety Monitoring Board (DSMB). Uma vez por ano, este organismo debruça-se a fundo sobre as análises que lhe são confiadas, para determinar se as crianças estão ou não em risco, se os ensaios devem continuar e se os resultados devem ser tornados públicos.

DSMB, salienta DeRouen, recomendou que o estudo continuasse. “Se houver problema, o estudo pára”. Os materiais utilizados são então removidos e os dentes das crianças tratados com o que se considerar mais seguro. Mau mesmo é se os problemas surgem depois de 2004, altura em que os testes terminam. ■

DAVID CLIFFORD



A ex-provedora da Casa Pia autorizou a realização de testes durante o horário escolar

## Dezena de testes para detectar efeitos da toxicidade do mercúrio

O “Casa Pia Study” envolve mais de uma dezena de testes e exames anuais, aplicados por uma vasta equipa de neurologistas, psicólogos, toxicologistas, psiquiatras, nefrologistas, biostatísticos e dentistas. “Estamos a aprender muitas coisas”, adianta Michael Martin, director do projecto nos Estados Unidos.

Estudos experimentais feitos em animais e análises clínicas realizadas em seres humanos mostram que uma intoxicação por mercúrio afecta, sobretudo, o sistema nervoso e o sistema imunitário, com especial impacto nos rins. E pode ainda desencadear reacções negativas na pele. A quantidade de mercúrio libertada pela amálgama é, todavia, inferior à dose mínima estabelecida pela Organização Mundial de Saúde.

Para apurar eventuais efeitos originados pela libertação diminuta de vapores de mercúrio, os cientistas dividiram as crianças em dois grupos aleatórios – 253/254. Aproximadamente, 54 por

cento rapazes, 70 por cento brancos. Um grupo recebe amálgamas dos dentes molares e pré-molares e um composto de resina nos incisivos. O outro recebe o composto em toda a dentição.

No anseio de detectar a existência de alterações ou diferenças entre os dois grupos, as crianças são submetidas a diversos testes e exames médicos todos os anos (ver ficha). Uma vintena de especialistas, das faculdades de Medicina e Medicina Dentária da Universidade de Lisboa, avalia a progressão do mercúrio na urina das crianças, mas também os potenciais efeitos de tipo neurológico, renal, imunológico, microbiológico, cognitivo e comportamental. Testes e exames com sensibilidade suficiente para detectar alterações subclínicas mínimas.

### Investigações paralelas

Há múltiplos estudos em curso na Casa Pia. Os cientistas admitem a existência de investigações paralelas ou complementares, nome-

### TESTES E EXAMES EFECTUADOS ANUALMENTE

#### Psicométricos

Seis de atenção/concentração  
Quatro de memória  
Três de visão/capacidade motora  
Inteligência

#### Velocidade de condução nervosa

Nervo unal  
Nervo tibial

#### Exame clínico neurológico

#### Análises urinárias

Mercúrio  
Glutatio-transferase  
porfirina  
Albumina

Fonte: “Médico”

n.º 20 Janeiro/Fevereiro de 2002

adamente sobre dieta alimentar (potencial fonte de mercúrio) e sobre resistência antibiótica a uma bactéria oral e urinária (“parece haver um gene que cria resistência”).

“O benefício de fazer um estudo destes é que estamos a aprender muitas coisas”, avança Martin. Tanto que, em 2006, os cientistas esperam ter muito mais do que resultados sobre a durabilidade dos materiais usados no restauro de dentes cariados e seus efeitos no desenvolvimento dos alunos da Casa Pia.

“Vamos ter dados neurocomportamentais de crianças, desde muito novas até quase adultas”, frisa o investigador principal, Timothy A. DeRouen, referindo-se ao trabalho que está a ser desenvolvido por Alexandre Castro-Caldas, responsável pela área de neurologia e psicologia neste projecto. “Este conhecimento não está disponível em nenhum lado – de certeza que nunca se fez nada assim em Portugal”. ■ A.C.P.

## Escândalo da pedofilia não influencia o estudo

O eclodir do escândalo da pedofilia gerou “preocupação” nos cientistas que integram o “Casa Pia Study”. O projecto seguiu o seu curso, porque um eventual trauma provocado pelo abuso sexual de menores não deverá alterar os resultados do mega-ensaio clínico norte-americano.

As crianças, como salienta Jorge Leitão, director do projecto em Portugal, podem estar a sofrer um “stress tremendo”. E o sistema nervoso dos menores é, todos os anos, objecto de testes e exames, destinados a detectar os efeitos da toxicidade do mercúrio libertado

pela amálgama dentária.

“Há muitas perguntas para as quais não temos respostas: o número de crianças directa ou indirectamente envolvidas [no abuso sexual], quantas delas estarão no nosso estudo...”, adianta o investigador principal, Timothy A. DeRouen. Mas, depois de avaliar a situação, os cientistas chegaram à conclusão de que o projecto de nove milhões de euros não corria riscos.

As mais de 400 crianças que continuam a participar no “Casa Pia Study” estão divididas em dois grupos. “De um ponto de vista cien-

tífico, a questão é: há diferenças entre os grupos?”, esclarece DeRouen. O carácter aleatório da amostra descansou a equipa. Qualquer mudança neuropsicológica atingiria, de igual modo, o alunos da amálgama e os do composto.

“Estamos a fazer o nosso melhor para entender as crianças, temos de ser compreensivos, prestar atenção a todos os detalhes”, refere Jorge Leitão, sublinhando que o projecto mantém “acções coordenadas com a equipa de psicólogos da Casa Pia”.

As observações feitas até agora pelos investigadores da Universi-

dade de Lisboa levam a crer que os impactos negativos do escândalo, nas crianças em análise, são mínimos. E, mesmo que não fossem, os cientistas não suspenderiam os trabalhos.

Segundo Mário F. Bernardo, responsável pela aplicação dos materiais dentários nos alunos, “a comissão de ética disse que, se julgássemos que alguma criança deveria ser retirada do estudo, não deveríamos retirá-la dos tratamentos”. O aluno poderia sentir-se, de algum modo, “discriminado”. Poderia encarar a assunto como um castigo dobrado. ■ A.C.P.